

LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

ABBADE ANTONIO PAES

E' tão difficil retratar o padre Paes, como decifrar-lhe a sua calligraphia, emaranhada e confusa...

E é, exactamente, n'uma occasião moralmente critica para nós, do pé para a mão, que a «Lagrima», ressuscitada d'um somno de semanas, exige quatro traços, rapidos e francos, sobre a conhecida e popular individualidade do abbaide Paes.

Permita-nos, porém, sua ex.^a, a franqueza das nossas intenções...

Que é como quem diz, convidando um hospede para a meza: «Aceitae-me a minha boa vontade, como uma especie de compensação pelo que se vos apresenta».

Tem o abbaide Paes uma figura insinuante, suggestiva, typica, unica.

E' um *semcerimonia* em carne e osso, de velho portuguez.

Vive em Roriz n'uma casa de campo, bonita, com vides trepando, enlaçadas, a ensombrar-lhe a sala de jantar comprida, em forma de varanda, inundada de luz: meza ao comprido, fradesca, enorme; lustre suspense, de estylo renascença.

Bate-se-lhe á porta e ouve-se logo a sua phrase, característica da *franqueza lazitana* —entre.

Uma vez na sua companhia, está-se empolgado!..

Cavaqueador de primeira ordem, attrahe.

Tem uma phrase especial, só d'elle.

Sem a vernaculidade da lingua, cheia de formulas sacramentaes; sem arabescos feitosos d'um modernismo torpe.

Aformoseia a fórma com um colorido aldeano-co, suave, correcto, d'um destaque pinturesco.

Sempre facecioso, no seu trato, nunea descamba em *choramigas* piegas...

Nem se deixa ir na onda de desalontos, com cantatas de patriotismo *fifo*.

Vê na agricultura um meio de regeneração economica.

Patriota é-o a ponto de repudiar, quanto póde, *estrangeirismos*; e, assim, na sua casa, vê-se quasi tudo portuguez, desde a tinta de escrever do João Fernandes, até ao papel de Prado, á louça de Sacavem.

...Não especificando o seu *menu* tradicional, com sabor muito nosso, sem amanteigados, nem picantes... ou o seu especifico vinho verde—espumoso, fresco...

Tem o abbaide Paes uma memoria prodigiosa: recorda minuciosamente factos passal-os consigo ha dezenas d'annos, com uma fidelidade admiravel.

Na «Lagrima», de que sua ex.^a é um dos redactores, ha a affirmativa do nosso 'dizer.

Publicou n'ella uma serie de chronicas, com o titulo: «Barcellos ha 50 annos», que foram muitissimo apreciadas.

E' o abbaide Paes natural d'esta villa, onde vem a miude, abraçar-nos.

Nas freguezias de Roriz e Quiraz que pastoreia, todos são seus amigos, e elle é amigo de todos.

D'ahi, a sua superioridade.

N'esta noticia, despretençiosa como a nossa amizade, com photographura, obedecendo a uma photographia do Julio Vallongo, aqui lembramos aos nossos leitores um talento da nossa terra.



NOTAS DA QUINZENA

Vae um sol abrasador. Parece que respiramos a atmospheria d'um forno de cal viva. Para resistir a tanta calma dá-nos Barcellos festinhas e festólas, uma especie de rosario de divertimentos de rapazio, onde quem mais lucra são as tascas, os muzicos, as doceiras, e... os padres. Porque no Minho ainda se não dispensa a sermoneca, para... abrilhantar o arraial.

Ora, no meio de tantas festinhas, com luminarias e bebadeiras, onde os dandys ostentam as suas polainas novas, brancas, que parecem umas ceoulas desatadas, e as senhoras (ai! as ricas se-

nhoras da nossa terra) as suas «gerseis» muito justapostas a umas fórmias que nem sempre são de carne, mas de larga *quinguilhéria*—como contava um major do 20, aqui ha annos— no meio de tanto regalorio, no meio de tanto divertimento, o que não tem razão de ser são os *comecios* de protesto, como o que se realison no Porto. Pois ha dinheiro para tudo, e os republicanos vêm gritar que estamos á borda d'um abysmo!

Estaremos; mas o povo o que quer são festinhas, com muitas resas d'egreja, e muita borracheira.

Bem se importa elle que as colonias se vão, ou se fiquem: o que o povo quer é festas. E' tão amigo de festas o nosso povo que até era capaz de commetter um falso testemunho de chamar feio ao Domingos de Figueiredo, se este lhe desse, á sombra dos laranjaes de Goios, festas e vinho.

Ora pois.

Mas o vinho faz mal ás cabeças. Veja-se o exemplo da Historia. E a Historia é mestra...

De muitos alvitres para diminuir este mal, o que mais parece merecer a approvação de toda a gente incluindo a *grande Associação dos Caxeiros*, que já botou figura em telegrammas ao «Seculo», dizendo que em Barcellos se fechavam as lojas ao domingo—o que foi uma reverendissima pèta—o melhor alvitre, é o que foi apresentado ao sr. commissario d'uma das divisões policiaes do Porto.

Parece escripto em Barcellos, pela ideia e pelo estylo. Ora vejam:

«Exm.º Mm.º Sr. Comissario da Policia — Desejo pedilhe ou favor muito grande, era para mandar fechar Os armazens de Vinhos todos os Domingos ómenos das 3 h. da tarde até as 8 de braco e de Esverna a 2 h. e arreculher as 5 da tarde.

porque se isso fosse acim talvez não acontegece tanta desordem como tem Abido e para mais nós estamos sempre nos Armazens nei pudemos c'ligar á porta tomar dr. Ehi fica o recado pedilhe mesmo por esmoia para ver se nós saiamo aos Domingos.—Sou seu Amigo obrigado, M. J. B. S.»

E com isto fica fechada a sessão.

DIA A DIA

Ninguém tão proprio para abrir um curso de calligraphia, como o nosso meretissimo Juiz de Direito.

* O sr. dr. Luiz de Novaes leva a tal ponto os rigores do bom portuguez, que até faz a pontuação e virgulação aos manuscritos que recebe.

* O sr. dr. Eduardo Salazar sonho fossem os seus affazeres no fóro, em que é um ornamento, não teria eserupulos em ir para frade. E depois escrevia-nos do Montariol, para a «Lagrima».

* Aconselhamos ao sr. dr. Augusto Monteiro o uso de bycicleta para perder a obesidade.

* O nosso collega da «Aurora do Cavado», sr. dr. Rodrigo Velloso, podia fazer um *chalel* caracteristico da sua pessoa: as paredes exterior

res seriam de garrafas de vinhos escolhidos; as interiores, de livros; a cobertura, com as capas d'elles; as ornamentações, a vasos com plantas esquisitas; em volta, eucalyptos, mimosas, etc. Para tudo isto tem s. ex.ª *material* abundante. E, depois, as visitas de sua casa, munidas de saca-rolhas e calix, tinham a adega em todos os andares.

* O nosso administrador do concelho pode castigar os desordeiros, da nossa terra, d'uma forma muito unica e com muita auctoridade, que a tom. Em vez de fazel-os dar ingresso na cadeia, mandar-lhes applicar causticos, bichas de sangrar, etc. Vá, sr. dr. Ferruz.

* Toda a gente ahí está a temer que, sendo o sr. dr. Augusto Mattos um poço de bondade, um dia saia fora de si, por qualquer facto, e rache tudo a meio. Os bons chegando-lhes a polvora ao nariz, são maus como o diabo.

Resolvemos demonstrar, por meio do *espiritismo* em gravura, o que será, physionomicamente, o nosso bom e querido amigo Arnaldo de Braz, d'aquí a 60 annos:



Quando houve o grande incendio na Santa Casa da Misericordia, em que ardeu o Senhor Eecce-Homo, esculpturalmente bem feito, foi salvo o S. Jorge, que figura nas procissões de Corpus Christi, pelo sr. Anselmo da Costa Leite, que obedeceu a um d'esses impulsos mais do que humano—celeste.

Franqueza: achamos exquisito que, na occasião do *ultimatum*, quando os portuguezes serevoltavam contra tudo o que fosse da suja ilha britannica, deixassom esquecido o inglez S. Jorge...

Passeia-se, elle, sem protesto, todos os annos, montado em fogoso corcel, impertigado, rijo d'aço.

O *mestre sala* da procissão, em que se salienta, é o Manuel Leite, e é este obrigado a por o santo na rua ao rigor da sua epocha; ora fez impressão a toda a gente que este trouxesse preso do arçõ, bolsas de couro para guardar pistolas,

quando, n'esse tempo, se não pensava, sequer, na polvora...

E' bom dizer que o andor de S. Jorge pertencia ao Augusto Viajante.

Todos nós conhecemos o José Duarte. Essencialmente *bonsinho*, tem pelos preconceitos sociais um desprezo profundo.

Existem, na sua vida, casos característicos que denotam, outrossim, um despreendimento raro pela grammatica.

Exemplificando:

José Duarte é apresentado ao sr. Souza Pereira, commandante dos Bombeiros Voluntarios do Porto.

Trocam-se os cumprimentos do estylo.

Remate final:

Zê (muito commovido):

—«Já o conhecia por *traducção*».

Houve panico e outros factos congeneres.

José Duarte ficou incolume.

Parabens.

Um sujeito d'aldeia, com verniz de dandy, foi ha dias almoçar ao café Mattos com o Manuel Joaquim. Pediu café com leite, e pão com manteiga, e para sobremeza—*canna*.—O Manuel Joaquim que percebe d'estas convenções sociaes e que ao seu comensal não achava motivo para se limpar da gordura dos bifes observou-lhe a inconveniencia do pedido, o que deu logar á ruborisação do indigesto dandy e a esta explicação:—«Eu pedia *canna* por julgar que é costume bebel-a sempre que se toma café!»

Quinta-feira a burlesca, a comica, a clinfrim-questiuncula de muzicas...

Riu a canálha.

Teve arrotos de vinho.

Emfim, a garotada em festa.

Na *Chronica policial* d'um collega cá da terra ló-se nas duas primeiras linhas:

«Noites de sol opalíneo, dias de sol estival».

Boa descoberta! Para *sol opalíneo* de noite, deve ser *luar estival* de dia.

Mais abaixo:

«Fico conhecendo o meio em que vivo...»

Tarde acordou, collega; ou então só agora encontrou quem lhe abrisse o olho. Pois admira. Qualquer rapazello d'ahi sabe muito bem por onde ha de entrar o sahir,inda que vá ás escuras.

Ainda mais.

«Eu não sou casto». Pois deve-o ser se é catholico apostolico romano. Lembra-se que o G.^o

manda guardar castidade, e que um doutor da egreja disse: «Se não fores casto, sê cauto.» Portanto, collega, não se atsqe nos lamaçoes da desmoralisação...

*

Na «*Chronica singela*», do n.º 6 do «Gigante», diz o nosso patricio Campos Lima:

«*Andam no espaço perfumes almiscarados de violetas, essencias aromaticas de Semana Santa.*»

E' outra descoberta. Violetas que cheiram a almiscar, ou este aquellas. E as essencias aromaticas...

Eseusam de procurar que não ha nada como os litteratos modernos. Sempre são d'uma força...

O amor debaixo d'uma pedra

O Paes de Faria quer casar.

Ver-se nos braços d'uma *ella*, é o seu sonho dourado

...Ou pelo menos de braço dado...

Assim:



Dizer Paes de Faria é dizer Silva, e dizer Silva é dizer casmurro, com o respectivo echo—burro...

Em Barcellinhos—muito bôa terra, com muito bôas mulheres e muito mau vinho, ás noites, nas tabernas e ao ar livre—temos, á ultima hora, o conhecido *petit heroe* Paes de Faria, a abrir o seu coração a uma Dulcinéa que o não conhece.

Historia curta.

Um chuchador emerito, da visinha *Salé*, escreveu ao nosso anão, uma carta, declaração d'amor, com o nome d'uma conhecida menina barcellinense.

A resposta d'ella, pedida com soffreguidão, devia ser collocada, debaixo d'uma pedra, em determinado sitio.

Será escusado dizer que o *pato cahiu*: esbor-

rachou-se assim, n'uma folha de papel rameada, cheirando a essencia de cravo:

Exm.^a Sr.^a

«Recebi hontem a sua carta a qual me jubilon muito, e tambem me fez desconfiar um tanto de que anda marosca pois se eu lhe não tenho escripto é simplesmente por julgar que lhe podiam tirar a carta e rir-se á minha custa.

Pergunta-me na carta que me escreveram se o tal rapaz me disse alguma coisa elle disse-me que a Mariquinhas tinha ido á pharmacia comprar umas aguas quaesquers e n'essa occasião então foi que lhe disse para que elle me disse-se a mim para lhe escrever uma carta, no mesmo dia de tarde disse-me que tambem um rapaz qualquer se eu já lá tinha deixado a dita carta ou não deixei lá a dita carta porque a não tinha escripto, mas fratei lego de a escrever para lha mandar mas não a mandei porque n'esse dia talvez, encontrei-me na Ponte com a Sr.^a Antoninha e com a Arminda e ellas então ali estiveram á falla, comigo assim da Mariquinhas e até me disseram que a arreliavam-na quando eu ia para Barcelinhos, mais uma prova para eu desconfiar, custuma-se a dizer que gato escaaldado da agua fria tem medo; ora eu já fui victima d'estas maroscas com umas senhoras da Fonte de Baivo porque igiriram que eu lhe escrevesse uma carta e depois publicaram-na n'um jornal humoristico e eu só o souve quando vim d'uma pharmacia do Porto.

Barcellos 13 de junho de 97.

De v. Ex. att. Cd.

Antonio Paes de Faria.

Isso é simplesmente para que não digam que eu sou cumido por larpa.

Ha na rua Direita uma casa em que está installado um estabelecimento de calgado, cuja, é habitada pelas sr.^{as} Vieiras.

Essa casa é muito velha.

Lá por dentro tudo são ruinas: paredes lanhadas; soalho esburacado.

Cá fóra, e isso é o que nos importa, lá nas alturas do 2.^o andar, *enfundou* uma porção de caliga, em grande extensão, e de grande peso.

E' um perigo.

Pede-se, pois, á exm.^a Camara que mande o proprietario, do predio em questão, pôr escóras, para não lamentar-mos algum sinistro...

Um copo de bom verdasco, fresco e rascante, é a unica bebida que os minhotos apreciam n'estes tempos de calmaria. Consola a alma e refresco o corpo. Cervejas, gazosas, sorvetes, e quantas estrangeirices por ahí ha não satisfazem como um copo do nosso verde. Com nenhuma outra bebida se dá o que succede com o verdasco. E' aquelle ah! de satisfação que, em seguida ao desapparecimento do precioso liquido nos sae espontaneo.

Estava o Antonio Esteves posto em socogo e gosando a amavel cavaqueira do nosso Hylario e

outro amigo, quando o eximio guitarrista lhe pede um copo de vinho, e á resposta affirmativa todos tres se dirigem a sua casa. Por mais exforços que o Esteves fizesse para encontrar a chave da adega, ial chave não apparecia, porque a familia estava ausente e esqueceram-se dizer onde ficava. Mas como tudo n'este mundo tem remedio, preparou dous copos de groselha e offereceu aos amigos, que heberam e saborearam dizendo-lhe em agradecimento:

—«Sim, senhor, bom vinho. D'onde é?»

O Esteves que, pela pergunta, percebeu os bons provadores, começou a encarecer o *vinho* como uma especialidade, «que lhe foi muitissimo difficil obter e tanto que:

—«Desculpem não poder dar-vos mais, mas já tenho muito pouco.»

—«Pois é admiravel. D'onde é?»

Á reiteradas instancias, e fazendo-se rogado, satisfaz enfim a curiosidade do Hylario:

—«E' vinho de groselha!»

—«Groselha? Não sei onde fica essa terra, mas é muito bom, isso sei eu.»

Á todas as pessoas que encontrava dizia, dando-se ares de quem havia bebido o verdadeiro nectar dos deuses:

—«Venho de casa do Antonio Esteves de beber vinho de Groselha que *é daqui*», e acompanhava esta palavras puchando pela ponta da orelha direita.

Que ratão nos sahiu o nosso Hylario! Até bebe agua do Borges com xarope de groselha por vinho muito especial

*

Este facto faz-nos recordar est'outro.

O Antonio Boba (Deus lhe falle n'alma) foi ao estabelecimento do Sousa, do Campo da Feira beber uma cerveja, mas queria-a boa e fresca. O Sousa, que gostou sempre de fazer a sua *partida*, urinou n'uma garrafa, poz-lhe rolha e preparou-a como se realmente fosse cerveja.

—«Prompto, sór Antonio, mais fresca do que esta não ha.»

Com todas as cautellas desrolhou a garrafa, e vasou a *cerveja* no copo. O Boba, que estava sequeioso, bebeu-a d'um só trago.

—«Então, que tal?», perguntou-lhe o Souza.

—«Muito boa. Apenas um bocadito doce.»

E vac d'ahi o Souza, como o Boba lhe disse que achava a urina doce, começou a magicar se teria a diabetes, e foi consultar o medico.

Divertiu-se, mas apanhou um susto.

BARCELLOS

Reponsavel—João Gonçalves da Silva

Typographia Barcelense, junto ao Café Mattos